

HABERMAS: COMUNICAÇÃO, DIÁLOGO E ENTENDIMENTO NA OBRA CONSCIÊNCIA MORAL E AGIR COMUNICATIVO

Everton Bruno Martin Bento*

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar as ideias do filósofo alemão Jürgen Habermas na sua obra: 'Consciência Moral e Agir Comunicativo', e a importância que deve ser dada a comunicação como mecanismo de orientação para a humanidade. Na abordagem feita indicarei na obra, aspectos que o filósofo constrói tendo como enfoque sua teoria crítica da comunicação, instrumento de ajuda à sociedade como forma de superação de conflitos, diálogo com o diferente e busca do entendimento. Feito isso, o enfoque do trabalho é como conciliar a teoria do agir comunicativo, com o modelo educacional brasileiro, indicando a teoria de Habermas como ferramenta de superação de um modelo hoje vigente, que não atende as necessidades dos educandos. É urgente discutirmos o modelo educacional do nosso país e refunda-lo. E estudando a teoria criticista do filósofo, que indica o agir comunicativo empregado nas dificuldades, pode ela ser um método importante da transformação do mundo escolar.

Palavras-chave: Habermas. Comunicação. Ensino. Educação. Ação. Linguagem.

Habermas: Communication, Dialogue And Understanding In The Work Moral Consciousness And Communication Act

Abstract: The aim of this work is to present the ideas of the German philosopher Jürgen Habermas in his work: 'Moral Consciousness and Communicative Action', and the importance that communication should be given as a mechanism of orientation for humanity. In the approach I will indicate in the work, aspects that the philosopher constructs based on his critical theory of communication, an instrument to help society as a way to overcome conflicts, dialogue with the different and search for understanding. The focus of this work is how to reconcile the theory of communicative action with the Brazilian educational model, indicating Habermas' theory as a tool to overcome a current model that does not meet the students' needs. It is urgent to discuss the educational model of our country and to refute it. And studying the philosopher's critical theory, which indicates the communicative action employed in the difficulties, can be an important method of transforming the school world.

Keywords: Habermas. Communication. Teaching. Education. Action. Language.

* Acadêmico do 4º semestre do curso de licenciatura em filosofia pela Faculdade Palotina-Fapas. E-mail: evertonbrunomb@hotmail.com

Introdução

O professor Jürgen Habermas é um dos intelectuais e filósofo mais respeitado no campo dos direitos humanos e escritor de diversos livros e artigos, onde defende formas racionais de discursos, como meio de reorientação do agir humano.

Pertenceu a escola de Frankfurt, onde foi assistente de Theodor Adorno, que influenciou seus escritos e obras ao longo de sua carreira. Seus estudos e textos priorizam uma leitura das ‘coisas do mundo’, como ele adjetivou as mudanças e formas que a sociedade contemporânea resolve seus problemas. Escreveu várias obras onde defende a soberania e os direitos humanos.

Os estudos desenvolvidos por Jürgen Habermas¹ em sua obra mais conhecida: Teoria do agir comunicativo² aponta que as discussões alicerçadas pela verdade e pela razão, devem levar a questionar os modelos atuais tendo a comunicação, papel fundamental nessa ação.

O desafio principal do intelectual alemão foi buscar fundamentação racional para o agir humano, especialmente diante das críticas que emergiram na contemporaneidade tendo em vista os fracassos produzidos pela racionalidade que se tornou predominante a partir da modernidade. Habermas insiste na tese de que o projeto de modernidade não acabou e que é possível encontrar formas racionais de orientação para o agir humano. Para tanto, porém, propõe mudar a concepção de racionalidade a fim de concebê-la como a capacidade de utilizar a linguagem para orientar as ações e resolver os conflitos na relação entre as pessoas, buscando o entendimento (MÜHL, 2013, p. 40).

Como visto a partir daquilo que se tornou a modernidade, ele propõe uma mudança atitudes a favor de uma ação comunicativa, que terá caráter ético e prático, no agir daquele que comunica, levando os envolvidos a um entendimento mútuo e racional e que desenvolva no indivíduo, um desejo emancipatório, podendo assim cada indivíduo fazer sozinho sua leitura de mundo.

O agir individualista, tão arraigado no mundo contemporâneo, encontra aqui no pensamento do filósofo no que tange aos direitos humanos e sociais um contraponto, pois a formação de uma linguagem que satisfaça individualmente, segundo Habermas não levará a

¹Jürgen Habermas nasceu na Alemanha, no dia 18 de junho de 1929. Estudou Filosofia, Literatura Alemã e Economia nas universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. É um dos mais influentes sociólogos do pós-guerra, conhecido por suas teorias sobre a razão comunicativa e considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos.

²Em 1981 publicou sua obra prima: Teoria do Agir Comunicativo, onde trata dos fundamentos da teoria social, da análise da democracia, do Estado de direito e da política contemporânea, especialmente na Alemanha do pós-guerra.

um consenso e assim, pois todos participam e precisam se entender como uma associação de membros iguais e livres.

A elaboração desse discurso deve-se dar em uma pedagogia que irá implicar que todos tenham direito de participar e problematizar na discussão. Vemos que com isso, toda a discussão deve ser pautar em uma racionalidade comunicativa e, ao mesmo tempo, enfrentar os problemas que surgirão como a fabricação de consensos em um ambiente que impera a individualidade.

Alerta que considerar o outro não significa apenas acolher aquele que nos é semelhante, que é congênere, mas acolher a pessoa do outro ou dos outros em sua alteridade ou diferença. Para tanto, precisa-se criar uma sociedade mais flexível, menos sólida ou substancial, e ampliar permanentemente as fronteiras para poder colher novos outros (MÜHL, 2013, p. 46).

O processo dialógico proposto pelo filósofo alemão pode servir de contraponto e modelo de mudança na educação brasileira, frente à situação que vive nossas escolas, profissionais e educandos. Há muitos anos presenciamos a degradação do sistema educacional brasileiro. Políticas mal intencionadas, governos não comprometidos, falta de investimentos, adoção de modelos tradicionais e ultrapassados que não contemplam mais a realidade escolar, são alguns dos sintomas que encontrarmos ao realizarmos uma rápida radiografia do sistema educacional.

A aprovação da lei nº13. 415/2017 que reforma a grade escolar do Ensino Médio, feita pelo governo gera ainda grande controversa junto aos profissionais da educação: professores, alunos, sindicatos de classe e sociedade como um todo. A discussão em torno de sua aprovação, foi que, não houve tempo hábil para um amplo debate em níveis municipal, estadual e nacional, os painéis de discussões da lei deram-se em poucos estados, com pouca divulgação e pouca participação, em alguns locais não havia oposição a proposta, e os contrários a proposta protestam que não tiveram o tempo necessário para a maturação das propostas contidas na lei.

Sua aprovação tende a ser mais um instrumento de perpetuação do sistema vigente, da diminuição da cultura, e da formação exclusivamente para o mercado de trabalho, levando a um empobrecimento da população juvenil, conduzindo-os mais ao atraso e a estupidez.

Pautada em um sistema que demonstrou ao longo desses anos que está esgotado, o sistema de ensino brasileiro precisa se reinventar e procurar novos modelos de aperfeiçoamento. O modelo de agir racional proposto por Habermas é uma caminho para auxiliar nessa mudança de concepção de escola.

Um modelo dialógico e consciente, que leva em conta a contribuição efetiva da racionalidade humana, a fim de encontrar formas de reorientar posições.

Diante da insegurança, desânimo e falta de perspectivas na área educacional, as opiniões contidas na obra do filósofo ‘consciência moral e agir comunicativo’ quer ser ferramentas de análise e ato de ação, a fim de que o uso de nosso discurso e linguagem seja capaz de reorientar as ações, resolver conflitos e construir conteúdos coerentes e necessários, buscando sempre um ambiente de saberes práticos, onde as relações das pessoas possam convergir sempre ao entendimento racional.

1 A comunicação racional como forma de emancipação do homem

Na base da teoria de Habermas está à racionalidade dos sujeitos na comunicação, propondo uma nova linguagem, ou uma releitura como aquela que os filósofos gregos desde Platão já faziam – a arte da retórica. Para o filósofo, somente aqueles que comunicam entre si os argumentos de forma racional, expondo suas verdadeiras intenções e buscando um consenso, entenderam a arte da linguagem e assim poderão mudar sua concepção de mundo.

É só quando retornamos ao plano da teoria da ação e concebemos o discurso como um prolongamento do agir comunicativo com outros meios que entendemos a verdadeira agudeza da ética do discurso. Com sua ajuda, pode-se mostrar a um oponente que ele recorre pejorativamente a algo que deveria ser suprimido e comete assim uma contradição performativa. Pelo simples fato de terem passado a argumentar, os participantes estão necessitados a reconhecer esse fato (HABERMAS, 2003, p. 161).

Para Habermas, a comunicação feita através de um diálogo franco entre os entes, é o caminho que levará a um entendimento cheio de valores humanos reais, encerrando discussões e divisões. Quando eu me disponho a discutir racionalmente com o outro, eu me coloco em posição verdadeira de interação, e desse diálogo levará a uma vontade que terá como base a vida com valores integrais supremos.

“No entanto para chegar a esse diálogo, Habermas propõe um processo argumentativo que seja capaz de fornecer critérios e parâmetros racionais para a coordenação dessas ações”. GOMES, 2009, p. 233.

O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o iniciador, que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo, ele é também o produto das tradições nas quais se encontra dos grupos solidários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria (HABERMAS, 2003, p. 166).

Com a construção desses argumentos, Habermas propõe um modelo que privilegie a interação, através do diálogo e que leve a uma ação de entendimentos e depois para uma ação prática, chegando a um poder emancipatório dos entes e da razão. “Habermas procura um entendimento na estrutura de fala, que traga mudanças à razão iluminista, sem negá-la”. PRESTES, 1996, p. 293. Sua teoria crítica é a leitura das comunicações da vida do homem, que orientada à verdade e disposta ao desenvolvimento, torna a linguagem um mecanismo de emancipação e aprendizagem que resultará na ação que levou à comunicação.

2 Comunicar é entender o que se comunica

Naquilo que é a prática da comunicação, está a premissa básica para entendermos o mundo que nos circunda. É através da linguagem que conhecemos as culturas, desenvolvemos os saberes, a educação, as formas de vida, a natureza e todas as coisas e também ao homem e toda subjetividade. É através da fala que os homens interagem entre si, desenvolvem o comércio, o conhecimento, transmitem cultura e educação. Porém, a fala pode levar a incompreensões e falsidades, uma vez que não contenha verdades ou que seus interlocutores não estejam comprometidos com os valores retos.

A ética do discurso vale-se de argumentos transcendentais que demonstram a impossibilidade de se rejeitarem determinadas condições. Com sua ajuda, pode-se mostrar a um oponente que ele recorre performativamente a algo que deveria ser suprimido e comete assim uma contradição performativa. Pelos simples fato de terem passado a argumentar, os participantes estão necessitados a reconhecer esse fato (HABERMAS, 2013, p. 161).

Assim sendo a linguagem detém um lugar de destaque no mundo, sendo uma das principais maneiras de transferência de conhecimentos. Na filosofia da educação, o discurso é ponto principal para a construção do saber.

Apoiado nessa forma exige-se primeiro do participante uma reflexão, e ao fazer esse exercício de pensar, o indivíduo absorve conhecimento, para só depois usar do discurso como forma de expressar aquilo que foi adquirido.

É importante saber que não posso falar demasiadamente, mais, saber o que falar. Ter propriedade daquilo que quer comunicar e conteúdo coerente antes de se comunicar. Encontramos nos escritos de Habermas, essas premissas básicas do dialogo comunicativo, que para ele devem estar na concepção da comunicação.

Assim, a linguagem assume outra condição; ela passa a ser compreendida, no sentido de Apel, como espaço e expressividade do mundo e instância de articulação de sua inteligibilidade. Isso significa dizer que não existe mundo independente da linguagem e que o conhecimento emerge da própria linguagem (GOMES, 2009, p. 237).

A comunicação dar-se-á no mundo perceptível e não mais nas intenções que o falante tem. Assim a comunicação feita deverá ser analisada além das funções cognitivas, expressivas e apelativas, mas, também na ação que o discurso provocará, se este virá com validade e significados que darão suporte àquilo que está querendo ser dito. “O modo de fundamentação transcendental corresponde à inserção do discurso prático em contexto do agir comunicativo; nessa medida, a ética do discurso remete a uma teoria do agir comunicativo”. HABERMAS, 2013, p. 162. É a comunicação como forma de entendimento e de mudança de concepções.

3 Validade da linguagem

Para o filósofo, a comunicação serve para o entendimento que se traduzirá em linguagem. Então todo aquele que usa dos códigos linguísticos, tem o dever moral e responsabilidade de quando se comunicar, fazê-lo na forma de que os demais venham à entende-lo. Porém, com essa comunicação vem responsabilidade, por que para Habermas, não há diálogo construtivo se esta não tiver apoiado em valores de verdade. Pois, todo aquele que se compromete ao uso da ação comunicativa, supõe-se que a faz de maneira válida e depois de um tempo de revisão reflexiva sobre o assunto.

Os participantes da comunicação baseiam os seus esforços de entendimento mútuo num sistema de referências composto exatamente de três mundos. Assim, um acordo na prática comunicativa da vida cotidiana pode se apoiar ao mesmo tempo num saber proposicional compartilhado intersubjetivamente, numa concordância normativa e numa confiança recíproca (HABERMAS, 2013, p. 167).

No momento da ação, esse deve fazer de forma inteligível onde aquele que está em posição de escuta, entenda-o e compreende o conteúdo de maneira satisfatória.

Dando-lhe ao fim da exposição, um retorno do discurso que atenciosamente foi ouvido. Então o falante junto aquele que expôs, poderão exprimir suas ideias sobre o conteúdo, com base no discurso proferido, podendo assim chegar a um possível consenso, e acordar que aquilo que foi comunicado é verdade, firmando opiniões que servirá de base para um diálogo construtivo.

Na medida em que queira participar em um processo de entendimento, não pode deixar de assegurar as seguintes pretensões universais de validade: a de estar-se expressando inteligivelmente, a de estar dando a entender algo, a de estar permitindo-se a entender, e a de entender-se com os demais (GOMES, 2009, p 240).

Melhor dizendo, ao fim da ação comunicativa o ouvinte deve estar satisfeito com aquilo que lhe foi comunicado, tirando das proposições o conhecimento daquilo que escutou. O resultado dessa argumentação é a interação entre os entes: o falante e aquele que escuta, podendo estes chegar a condições de entendimentos mútuos e de potencialidades emancipatória da razão. Assim teremos a comunicação voltada para o entendimento e a racionalidade na ação comunicativa, como sendo à base da teoria da ação comunicativa.

4 O diálogo como forma de emancipação

Para Habermas essa forma de interação, servirá para a construção de um mundo melhor, onde o diálogo tem papel principal na resolução dos conflitos e das mazelas que atingem a sociedade. “Habermas recupera a potencialidade emancipatória da razão para orientar, a partir da linguagem, as possibilidades do entendimento humano” GOMES, 2009, p. 241.

Assim, torna-se importante conceber o diálogo como forma de entender a realidade do mundo e progredir. Será através da ação comunicativa baseada no uso da razão prática que os indivíduos desenvolverão suas ações para a resolução de conflitos. Usando esse entendimento, o homem poderá chegar a todos os resultados para a solução de problemas e resolução de conflitos.

(...) não podemos nos levar a desacreditar do poder da razão de produzir saberes válidos e de possibilitar o surgimento de consensos razoáveis sobre nossa forma de atuar no mundo. A racionalidade deve ser entendida, antes de tudo, como a disposição dos sujeitos capazes de falar e agir, de buscar um entendimento acerca do mundo, orientando-se “pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo” (MUHL, 2011, p. 1036).

Habermas orienta então, que o uso da razão no agir comunicativo, servirá como o meio mais eficaz para os humanos relacionarem-se, resolver conflitos e promover cultura e educação, dando-lhes poder de compreender por si próprios o mundo, e assim fazer juízo de valores, levando-os a uma reflexão que potencialmente os liberte da ignorância e leve-os a serem livres.

A ação comunicativa é a condição pela qual o homem interage com o outro, e estabelece a realidade, para poder progredir no mundo e construir os saberes.

O consenso entre os mais variados saberes é operacionalizado através de uma troca intersubjetiva. A comunicação aparece então como instrumento de efetivação desse pressuposto. Assim, falar em comunicação supõe a necessidade de um objetivo comum que se concretiza através de um processo ideal de trocas (BRAGAGLIA, 1996, p. 301).

Para tanto, o uso da comunicação, através dos conceitos gramaticais e dos códigos linguísticos, torna-se a forma como as pessoas irão interagir. A análise daquilo que vemos e ouvimos, será a representação daquilo que pensamos e assim verbalizamos. “Para tanto a linguagem deve ser entendida não apenas como recurso de representação, mas como recurso pragmático da interação dos seres humanos” MUHL, 2011, p 1038.

É importante delimitar que para o filósofo essa interação é a forma possível do poder transformador que a linguagem tem na vida do ser humano. É através desse exercício da razão comunicativa que se encontrará o saber e o agir correto da vida humana. Podemos então compreender que o confronto vivido hoje entre a razão comunicativa e os conflitos que nos rodeiam é um dos grandes males vividos pela humanidade contemporânea.

Com o domínio de comunicações periféricas, a cultura e a educação sofrem no mundo, pois são atingidas por um sistema que não está comprometido em avançar para a emancipação, mas sim, para o adestramento pessoal. O dinheiro toma o poder da comunicação interpessoal e a manipulação toma o direito das ações políticas, transformando valores em negócios. Esse sistema corrompido transforma a sociedade que não consegue mais se desvencilhar dessa estrutura, imperando nas pessoas o consumismo e o individualismo que toma o lugar das consciências.

A educação como posta hoje, não gera todo o potencial de conhecimento que ela tem em si. Olhando o panorama local e nacional dos meios de se educar, podemos constatar o quanto não encontramos o caminho para um método eficaz de conhecimento. A cultura fragilizada, sem aprofundamento empobrece a pessoa. Nesse sistema a intenção é a de que haja somente o repasse de uma ideologia dominante, que aprisiona o ser humano e não lhe dá elementos de emancipação.

Habermas dedicou-se intensamente a estudar as formas de socialização do sujeito, a formação da identidade pessoal e cultural, a competência comunicativa e, sobretudo, formulou o conceito da racionalidade comunicativa. Na medida em que Habermas empreende um esforço para fundamentar a base normativa da modernidade, ele nos instiga a uma multiplicidade de hipóteses, que levam a pensar seriamente em nossa educação (PRESTES, 1996, p. 292).

A escola perde seu papel de criadouro de discussões e de construção de saberes participativo. O educando não toma consciência especulativa das coisas e não se desenvolve no espaço público (escola) que lhe é proporcionado. Perde-se a interação com outros alunos causando uma lacuna de convivência democrática, tão importante em sua etapa etária e na construção de sua identidade.

Uma escola que possui um planejamento engessado demais leva a uma perda da espontaneidade dos educandos que é forma principal do seu ser, tal situação caminha para uma imposição cultural, que resultará num processo que serve somente para criar indivíduos não pensantes, meros repetidores do pensamento hegemônico.

A eliminação do rigor do conhecimento e a facilitação psicologizante com o objetivo de acesso e uso imediatos do saber empobrecem a experiência da conquista natural. Em outros termos, a educação passa a ser valorizada quase tão somente como recurso de ascensão econômica, ficando para um segundo plano sua validade enquanto recurso de qualificação subjetiva e de formação de uma visão social e política (MUHL, 2011, p. 1041).

Essa intervenção do sistema na cultura e educação gera a perda do estímulo do educando para a consciência crítica e o agir pedagógico. Como vimos, a teoria de Habermas propõe uma criticidade permanente da ação pedagógica dos educadores na escola. “A racionalidade vem a ser assim um procedimento comunitário (e não um exercício solitário) que assume, ademais, diferentes modalidades: racionalidade lógica, técnica, estratégica, hermenêutica, ética...” (CUPANI, 1994, p.14).

É através do pensamento crítico que se dará o entendimento e a construção dos novos saberes, dando legitimidade aos processos e tornando educador e educando autores da transformação dentro da sociedade.

Para o filósofo alemão tal disposição já existe, porém, faz-se necessária despertá-la tornando a educação uma ação crítica ao modelo existente, baseado no mercado para esta tornar novamente libertária e transformadora.

O modelo desejado não está no campo da utopia, mas no agir prático da educação. Isso quer dizer que, mesmo a sociedade estando mergulhada em uma crise de valores, corrompida pelo pensamento hegemônico e o grande acúmulo de capital por alguns poucos, há uma

solução para ser enfrentada: restaurar a comunicação para que ela seja livre da dominação existente, estabelecer um diálogo interpessoal que visa transformar o mundo, e assim buscar a transformação que leve de uma realidade não participativa, para um agir consciente.

Habermas reacende a crença no poder da racionalidade humana, levando-nos a acreditar que a razão é capaz de construir e superar as limitações de certas concepções produzidas por ela mesma. Para tanto, é preciso recuperar a experiência esquecida da reflexão, tornando a escola e, de modo especial a sala de aula um espaço público de exercício do pensar, como condição necessária para a formação da opinião pública (MUHL, 2011, p. 1043).

A teoria do agir comunicativo de Habermas aponta para a capacidade racional humana de orientar-se nas pretensões de uma validade de nossos discursos frente ao nosso agir cotidiano.

Trazendo para o ambiente escolar, a razão comunicativa, o dever que se propõe é para uma abordagem crítica da educação como forma de fazê-la instrumento de progresso do educando. Não corroborando com os modelos tecnicistas, tão hegemônicos nos dias de hoje.

Nessa via de mão dupla, o educador também deverá modificar seu próprio agir, pois, exige-se que ele esteja comprometido com o processo de educação para a emancipação, pois, a visão crítica apresentada ao educando estará também voltada para ele. Por outro lado ele é o grande fomentador de discussão e colaborador de um discurso racional, frente aos educandos. Ele não irá se limitar à interpretação de textos somente, mas, mover-se-á a uma posição de argumentador de proposições racionais, um influenciador que levará os educando a uma reflexão pragmática, que dará as condições de possibilidade para uma reflexão comunitária, produzidas no diálogo.

Conclusão

A teoria de Habermas ajuda-nos a conceber que existe a possibilidade de uma nova ordem de entendimento para as relações humanas que passa pelo agir comunicativo como forma de superação das dificuldades.

No campo educacional suas ideias nos influenciam-nos até hoje, porque são um contraponto ao modelo atual que não contribui para a superação das desigualdades. “Habermas é um pensador que mantém a esperança no poder emancipador e na função esclarecedora da racionalidade humana” (MUHL, 2011.p. 1048).

A contribuição do ato de filosofar dá-se, precisamente porque todo ato de fazer filosofia é uma ação dialógica. Argumentos e propostas fazem partes da ação cotidiana daqueles que se propõe filosofar. A filosofia não é entendida como ação individual, onde o indivíduo descobre verdades sobre si mesmo, mas, uma ação comunicativa de outrem com uma situação específica, levando-o a uma racionalidade participativa.

Por influência da Filosofia da linguagem, e, sobretudo dos autores que frisam a importância da dimensão pragmática das expressões linguísticas, tanto Apel como Habermas resgatam o caráter constitutivamente dialógico/comunicativo do filosofar (ou seja, filosofar é assunto de um “nós”, não de um “eu” que eventualmente une-se a outros “eus”, pede a opinião deles ou lhes ensina uma doutrina). Mais ainda: o filósofo não se reduz a ser o indivíduo que, ante problemas, dúvidas, perplexidades, conflitos ou dramas da vida convida os outros a dialogar, a “buscar juntos”. O filósofo é (ou se define como) quem valoriza, defende ou luta por diálogos que sejam argumentações: neles deve vencer, não a força, a retórica, a emoção ou a negociação, mas a razão (...) (Sócrates) (CUPANI, 1994, p. 23).

Nesse contexto a filosofia entra como interprete da humanidade, porque reconstrói argumentos e conceitos e devolve a razão aos sentidos. Desenvolve a partir daquilo que analisa no campo da educação e propõe uma mediação, para retornar ao agir consciente. Critica métodos colonizadores e não práticos, procurando devolver opções de entendimentos que levem a uma educação construtiva.

Sob esta perspectiva, sua tarefa é restaurar a comunicação e promover o entendimento pela interação comunicativa (MUHL, 2011, p 1049). O diálogo que estabelece esta interação tende a ser um enfrentamento crítico da ação racional e prática, para que haja no aprendizado uma superação, e assim, construam-se consensos para os conflitos não solucionáveis, ajudando-nos a posicionarmos diante de contradições e participamos racional e reflexivo nas soluções.

Mantém sempre um otimismo no poder transformador que a comunicação pode agir no ser humano, baseado na racionalidade e na função ilustrativa que tem a verdade. Mesmo em um mundo doente há esperança.

Referências

BRAGAGLIA, Mônica. **A teoria da ação comunicativa como referencial teórico ao estudo da interdisciplinaridade.** Veritas Revista trimestral de Filosofia e Ciências humanas da PUCRS. Porto Alegre. v 41, n 162. p. 299-306, Junho 1996.

CUPANI, Alberto. **Filosofia, racionalidade e comunicação**: O papel atual da filosofia conforme Apel e Habermas. Reflexão Revista quadrimestral do Instituto de Filosofia PUCCAMP. Campinas. v 12, n 59, p 11-30. 1994.

GOMES, Luiz Roberto. **Educação e Comunicação em Habermas: o entendimento como mecanismo de coordenação da ação pedagógica**. Cadernos de educação UFPel. Pelotas. p 231-250. Maio/junho 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de Guido A. de Almeida. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

MÜHL, Eldon Henrique (Org.). **Textos referenciais para educação em direitos humanos**. 2 ed., ver. eampl. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

PRESTES, Nadja Hermann. **A perspectiva habermasiana na investigação científica: A racionalidade comunicativa na educação**. Veritas Revista trimestral de Filosofia e Ciências humanas da PUCRS. Porto Alegre. v 41, n 162. p 291-297, Junho 1996.